

Desafios metodológicos na pesquisa de campo em economia criativa: estratégias para o diálogo e registro científico

Methodological challenges in field research on the creative economy: strategies for dialogue and scientific documentation

Camila Amaral Pereira^I , Cledinaldo Aparecido Dias^{II} , Pablo Peron de Paula^{II} ,
Beatriz Gondim-Matos^{III} , Marcos Eduardo Gonçalves Knupp^{IV} 

RESUMO

Este artigo discutiu os desafios metodológicos enfrentados em pesquisas qualitativas no campo de economia criativa. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foram articulados dois estudos de caso: um na região do Cariri (CE) e outro na Cordilheira do Espinhaço (MG), ambos com vistas a compreender a complexidade dos fenômenos ligados à economia criativa em territórios marcados por forte presença da informalidade, das culturas populares e da desigualdade estrutural. Os resultados aludiram à necessidade de se utilizarem metodologias abertas à improvisação e ao reconhecimento de estruturas orgânicas, que rompem com os modelos lineares tradicionais. A coleta e a análise de dados reconheceram as dimensões subjetivas e relacionais dos atores sociais envolvidos, exigindo abordagens metodológicas flexíveis, interdisciplinares e sensíveis à historicidade dos fenômenos estudados.

Palavras-chave: Desafios metodológicos. Economia criativa. Pesquisa de campo.

ABSTRACT

This paper discusses the methodological challenges encountered in qualitative research within the field of Creative Economics. Based on a literature review, two case studies are articulated: one conducted in the Cariri Region (CE) and another in the Espinhaço Mountain Range (MG). Both studies aim to understand the complexity of phenomena related to the creative economy in territories marked by a strong presence of informality, popular cultures, and structural inequality. The results point to the need for using methodologies open to improvisation and the recognition of organic structures that break away from traditional linear models. Data collection and analysis must acknowledge the subjective and relational dimensions of the social actors involved, requiring flexible, interdisciplinary, and sensitive methodological approaches to the historicity of the phenomena under study.

Keywords: Methodological challenges. Creative economy. Field research.

^IUniversidade Estadual de Montes Claros, Núcleo de Estudos em Economia Criativa e Inovação — Montes Claros (MG), Brasil. E-mail: camilaeconomia@outlook.com

^{II}Universidade Estadual de Montes Claros, Departamento de Administração — Montes Claros (MG), Brasil. E-mails: cledinaldo.dias@unimontes.br; pablo.peron@unimontes.br

^{III}Universidade Federal do Cariri, Departamento de Administração — Cariri (CE), Brasil. E-mail: beatriz.gondim@ufca.edu.br

^{IV}Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito, Turismo e Museologia — Ouro Preto (MG), Brasil. E-mail: marcosknupp@ufop.edu.br

Recebido em: 19/01/2026. Aceito em: 11/05/2026

INTRODUÇÃO

A economia criativa (EC) é um campo de estudo que articula cultura, inovação e desenvolvimento, respeitando as diversidades e a sustentabilidade dos lugares. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) (2012), a EC é uma alternativa viável para o desenvolvimento, especialmente em territórios periféricos.

De acordo com o Relatório de Economia Criativa 2010 (UNCTAD, 2012), os modelos de desenvolvimento econômico convencionais não conseguiram superar desigualdades ou corrigir assimetrias estruturais, demandando uma visão mais ampla que, para além das variáveis econômicas, considere também dimensões culturais, sociais e tecnológicas. Incorporar cultura e tecnologia ao debate econômico significa reconhecer que desenvolvimento não é algo homogêneo, mas diverso e multidimensional.

Para Emmendoerfer *et al.* (2024), a pesquisa de campo na economia criativa exige abordagens metodológicas sensíveis à historicidade dos sujeitos, às especificidades territoriais e às múltiplas formas de organização coletiva e simbólica. Com base na teoria das “organizações ao vivo” (Duarte, 2019), o trabalho criativo é compreendido como uma dinâmica processual em que o fazer e o organizar ocorrem simultaneamente. Isso demanda metodologias abertas à improvisação e ao reconhecimento de estruturas fluidas, que rompam com os modelos lineares tradicionais. Mais do que a quantificação dos resultados da economia criativa, os processos de coleta e análise de dados devem incorporar também dimensões subjetivas, emocionais e relacionais, implicando em estudos que buscam dar maior profundidade ao fenômeno.

Em consonância com a abordagem crítica de Teixeira (2011), que combina análise documental, questionários e entrevistas, reconhece-se a importância de permitir a expressão subjetiva dos participantes, tratando suas narrativas como constitutivas do objeto investigado.

A análise de conteúdo, a análise de discursos e o método hermenêutico, por exemplo, são recursos metodológicos que podem ser utilizados para compreender e interpretar textos, símbolos e fenômenos culturais, extraindo significados mais profundos e contextualizados. Como afirma Fairclough (2001, p. 90), “O uso de linguagem como forma de prática social” é um método de análise que emerge como técnica pertinente para explorar sentidos, contradições e inferências emergentes dos discursos. Entre outras considerações, infere-se que a pesquisa de campo em economia criativa precisa de abordagens metodológicas flexíveis, interdisciplinares e sensíveis à historicidade específica dos fenômenos estudados na prática.

Nessa perspectiva, de acordo com Furtado (1978), o Brasil é marcado de forma estrutural por grande desigualdade histórica e de passado de escravidão e, para compreender as dinâmicas criativas em diferentes territórios e contextos sociais, são necessárias metodologias que considerem a complexidade dos fenômenos simbólicos, subjetivos e relacionais do seu povo. É sob o olhar da diversidade conjuntural do Brasil que este estudo se debruça, questionando: quais seriam os desafios

metodológicos enfrentados pelos pesquisadores quando da condução de estudos voltados para economia criativa?

Avaliando aspectos da economia criativa e a necessidade do desenvolvimento de novas abordagens de pesquisa, o objetivo do presente estudo foi analisar os desafios metodológicos enfrentados na condução de pesquisas de campo na economia criativa, especialmente no que se refere à mensuração de fenômenos simbólicos, à escolha e à aplicação de métodos de coleta de dados, bem como à estratégia de diálogo com participantes e ao rigor necessário para o registro científico.

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com base em análise comparativa de dois estudos de caso, um desenvolvido na região do Cariri (CE) e outro na Cordilheira do Espinhaço (MG). Foram adotados como recurso de análise dois artigos publicados e duas pesquisas de campo nesses locais, em fase de desenvolvimento. No mais, é importante explicar que esses territórios foram selecionados por apresentar similaridades que envolvem a diversidade no contexto regional, a presença de iniciativas criativas populares, por haverem pesquisadores em comum nessa temática de análises e pela necessidade de mostrar diversas pesquisas com diferentes abordagens.

Para tanto, o texto está disposto em quatro seções, contando com a introdução. A próxima seção apresenta os dois estudos de caso em construção e aborda o problema de pesquisa. Na seção três, são apresentados os resultados e discussões do trabalho. Por fim, na seção quatro, são tecidas algumas considerações conclusivas.

MAPEANDO A ECONOMIA CRIATIVA EM DIFERENTES TERRITÓRIOS

A seção se dedica a discutir os primeiros resultados publicados acerca da economia criativa em contextos distintos do território brasileiro, por meio de dois estudos que oferecem contribuições relevantes, tanto no campo empírico quanto metodológico. O primeiro estudo examina como microempreendedores da região cearense do Cariri reagiram aos impactos da pandemia de COVID-19, com destaque para a resiliência e a adoção de estratégias relacionadas ao comércio digital e às redes de apoio comunitárias. O segundo investiga a vulnerabilidade inicial de artesãos inseridos na Rota Grão Mogol do Circuito do Lago de Irapé, localizado na Cordilheira do Espinhaço (MG), dialogando com a literatura sobre *Liability of Newness* (LoN) e evidenciando tensões entre a identidade artística e a necessidade de gestão dos negócios.

Considerando as similaridades dos estudos, buscamos apresentar comparativamente as escolhas metodológicas de cada investigação, destacando os desafios da pesquisa de campo e as contribuições que emergem da escuta sensível dos agentes culturais em contextos marcados por singularidades sociais, econômicas e culturais.

DELINEANDO OS RESULTADOS DOS PRIMEIROS ESTUDOS PUBLICADOS: COMPARATIVO CARIRI (CE) E CIRCUITO LAGO DE IRAPÉ (MG)

O primeiro artigo analisado foi escrito pelos por Patrick Wendell Barbosa Lessa, Beatriz Gondim-Matos e Antonio Messias Valdevino, vinculados à Universidade

Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Cariri e Universidade Federal da Paraíba. Intitulado “Microempreendedores na indústria criativa: como a resiliência supera os impactos da pandemia”, foi publicado em 2023, na Revista Brasileira de Gestão e Negócios.

De acordo com Lessa, Gondim-Matos e Valdevino (2023), o objetivo do trabalho foi investigar como microempreendedores da indústria criativa reagiram aos impactos da pandemia de COVID-19, com foco na feira Cariri Criativo e na loja colaborativa Casa Uca, ambas localizadas no Ceará. É um estudo de caso qualitativo, orientado pela teoria da resiliência e do *social commerce* (comércio digital).

O método envolveu entrevistas semiestruturadas com doze participantes (microempreendedores e gestores), utilizando-se da técnica de bola de neve para recrutamento, além de análise de 83 decretos estaduais sobre a pandemia. As entrevistas, com média de 52 minutos, foram analisadas por meio de análise temática (Braun; Clarke, 2012), análise de conteúdo (Bardin, 2016) e técnicas de *pattern matching*, com apoio do *software* MAXQDA.

Os resultados indicaram três eixos de resiliência: flexibilidade produtiva, uso do espaço físico e digital e rede de apoio comunitário. A migração para o comércio digital foi fundamental para manter os negócios durante o confinamento, mas os entrevistados ressaltaram que a interação física nas feiras ainda era insubstituível. A pesquisa também demonstrou que o território do Cariri, historicamente ligado à fé e à cultura populares, proporciona uma base simbólica e afetiva para os empreendedores criativos, favorecendo o senso de pertencimento e a autenticidade nas práticas comerciais.

O segundo artigo foi escrito pelos professores e pesquisadores da Universidade Estadual de Montes Claros: Cledinaldo Aparecido Dias, Patrícia Morais Lima, Glenda Nunes Gomes e Felipe Fróes Couto. O trabalho é intitulado “Vulnerabilidade inicial na economia criativa: um estudo do artesanato na Rota Grão Mogol do Circuito do Lago do Irapé”, publicado em 2024, no XV CODS — Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade.

Este estudo buscou identificar os fatores que contribuem para a vulnerabilidade inicial de empreendimentos criativos do segmento de artesanato na Rota Grão Mogol do Circuito do Lago de Irapé, localizado na Cordilheira do Espinhaço, em Minas Gerais, bem como impactam essa vulnerabilidade.

A pesquisa se insere no debate sobre a LoN, termo cunhado por Stinchcombe (1965) para descrever os desafios enfrentados por novos empreendimentos.

As análises das entrevistas demonstraram fragilidades internas relacionadas à ausência de rotinas organizacionais, à necessidade de aprendizagem e de novos papéis gerenciais. Entre os fatores externos, destacaram-se as dificuldades de acesso a recursos, baixa legitimidade perante a comunidade e desconhecimento de normas e políticas públicas (Paula *et al.*, 2024). O estudo mostrou que o artesão se encontra tensionado entre o “ser artista” e o “ser gestor”, o que afeta negativamente sua capacidade de organização e permanência no mercado. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa, com caráter exploratório-descritivo, enquanto o trabalho

de campo consistiu em dez entrevistas individuais semiestruturadas com artesãos dos municípios de Grão Mogol e Botumirim, além de observação não participante. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), com base em categorias emergentes durante a investigação. O Quadro 1 apresenta os aspectos metodológicos que delineiam os dois estudos publicados.

Quadro 1. Aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa em economia criativa: coleta de dados, construção de diálogo com os agentes culturais e a produção científica rigorosa.

Critério	Lessa, Gondim-Matos e Valdevino (2023)	Paula et al. (2024)
Local do estudo	Região do Cariri (CE)	Grão Mogol e Botumirim (MG)
Tipo de pesquisa	Qualitativa, estudo de caso instrumental	Qualitativa, exploratório-descritiva
Instrumento de coleta	Entrevistas e análise de decretos	Entrevistas presenciais
Nº de entrevistas	12	10
Participantes	Microempreendedores (Cariri/Ucá)	Artesãos (vários materiais)
Metodologia	Análise de conteúdo (Bardin/Braun)	Análise temática e de conteúdo
Técnicas extras	MAXQDA e bola de neve	Observação não participante

Analizados os estudos publicados, observou-se que ambos os trabalhos demonstraram que a pesquisa de campo exigiu sensibilidade e capacidade de adaptação dos pesquisadores adiante das especificidades dos territórios e dos sujeitos envolvidos. No estudo de Lessa, Gondim-Matos e Valdevino (2023), realizou-se o trabalho de campo em contexto pandêmico, o que implicou desafios éticos e metodológicos adicionais. A adoção da seleção dos sujeitos pelo método bola de neve e a combinação de entrevistas semiestruturadas com análise de decretos governamentais demonstrou um esforço de triangulação metodológica, conforme recomenda Flick (2009). Além disso, a utilização de *softwares*, como o MAXQDA, na organização das entrevistas, dialogou com rigor analítico e sistematização técnica. A escuta foi sensível e contextualizada, valorizando os entrevistados como agentes culturais e protagonistas de estratégias de resiliência. Na leitura do artigo, não foram relatadas dificuldades ou resistência de algum feirante para responder à entrevista.

No estudo de Paula *et al.* (2024), o trabalho de campo ocorreu por meio de visitas previamente agendadas e entrevistas semiestruturadas com artesãos da Rota Grão Mogol, o que evidenciou contato direto com os participantes e escuta qualificada de suas trajetórias. A aplicação da técnica de análise de conteúdo permitiu que categorias emergissem do próprio discurso dos entrevistados, respeitando o princípio da indução analítica, conforme orienta Bardin (2016).

Embora os autores não enfatizassem dificuldades logísticas, mencionou-se a ausência de sujeitos para entrevistar em um dos municípios previstos (Cristália), o que evidencia limitações de pesquisas, que pode acontecer em qualquer local, e

quem realiza trabalho de campo precisa estar preparado para esse contexto, pois não encontrar dados também é uma resposta e precisa ser interpretada no levantamento do estudo específico.

Analizados os dois artigos publicados, buscou-se, a seguir, examinar as pesquisas em fase de desenvolvimento pelos grupos de estudos em economia criativa de cada região. É importante ressaltar que, para mensurar as dificuldades metodológicas em pesquisas qualitativas de campo, não basta a mera descrição teórica dos procedimentos, é necessário vivenciar o cotidiano do trabalho empírico. Somente no contato direto com as comunidades, na escuta das narrativas e na adaptação às condições locais é possível compreender os limites, os desafios e as potencialidades da abordagem qualitativa. Como destaca Minayo (2012), a investigação qualitativa exige flexibilidade e sensibilidade do pesquisador, uma vez que a realidade social é dinâmica e impõe ajustes constantes durante o transcurso da pesquisa.

ESTUDOS EM CONSTRUÇÃO NOS CASOS ESTUDADOS

Os estudos em andamento no Cariri (CE) e na Cordilheira do Espinhaço (MG) refletem a busca por compreender e fortalecer a economia criativa em territórios diversos, valorizando práticas locais e promovendo o desenvolvimento sustentável, bem como a tentativa de avançar como pesquisadores(as) nos desafios do trabalho de campo sobre essa temática. No Cariri, o projeto “Redes Colaborativas e (des)envolvimento(s) de território(s) criativo(s) sustentável(is)”, vinculado ao Núcleo de Estudos em Negócios, Estratégia e Consumo da Universidade Federal do Cariri (NEC/UFGA), investiga o papel da cultura e do turismo comunitário na consolidação de territórios criativos, tendo como horizonte a criação de um Observatório de Economia Criativa. Na Cordilheira do Espinhaço, a pesquisa conduzida pelo Núcleo de Estudos em Economia Criativa e Inovação da Universidade Estadual de Montes Claros (NEECI/UNIMONTES) adota uma abordagem qualitativa e participativa para mapear iniciativas de mulheres fazedoras de cultura em seis municípios, destacando suas contribuições para a economia criativa e os impactos sociais de suas práticas. Ambos os estudos convergem para o fortalecimento das redes culturais locais e a produção de evidências que apoiem políticas públicas.

A pesquisa do projeto “Redes Colaborativas e (des)envolvimento(s) de território(s) criativo(s) sustentável(is)” na região do Cariri (NEC/UFGA) visa promover a economia criativa e a cultura de forma multidisciplinar, com foco no desenvolvimento de territórios criativos e no turismo comunitário. O principal objetivo é criar, até 2027, um observatório de economia criativa que atenda a públicos diversos, como instituições públicas, privadas, sociedade civil e academia. Apoiar-se no desenvolvimento territorial de comunidades e cidades criativas e de setores produtivos tradicionais e contemporâneos (Furtado, 1981; Florida, 2011; Leitão, 2023).

A EC, assim como outros termos que se originam no norte global, foram assimilados pela ciência, política e práticas. Entretanto, tem-se debatido que a EC não se apresenta nem se desenvolve da mesma forma em territórios distintos. Ademais, há diversas críticas à elaboração e ao desenvolvimento de políticas públicas com

a não inclusão e compreensão de redes e comunidades que compõem o território implicado. Dada a complexidade da EC, é preciso considerar seus possíveis efeitos negativos nos territórios onde ocorrem suas manifestações, tais como processos de gentrificação e/ou ampliação da vulnerabilidade das comunidades tradicionais. Portanto, entende-se que a EC precisa ser compreendida por uma visão multidisciplinar e de forma a privilegiar as epistemologias do sul global, a Agenda 2030 e o desenvolvimento territorial sustentável adequados às características dos países e territórios do sul global.

O estudo prévio que motiva a intenção de criar o observatório se ampara na falta de evidências da gestão pública dos municípios de pequeno e médio portes e que compõem a região do Crajubar (conurbação formada por três municípios da região metropolitana do Cariri: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha) no que se refere aos setores culturais e criativos. Nesse sentido, o projeto anterior “Consumo colaborativo e turismo criativo: aproximações possíveis na região do Cariri” mapeou, partindo de dados secundários do Mapa Cultural do Estado do Ceará, os cadastros e os setores de atuação dos criativos do eixo Crajubar.

O Ministério da Cultura (MinC) adotou o *software* Mapas Culturais como base para o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC), visando organizar e sistematizar dados sobre o cenário cultural brasileiro. Posteriormente, a descontinuidade do MinC e desse processo, desde 2016, levou a um cenário desafiador, com a dispersão na gestão, aplicação e utilização do Mapas. No entanto, o estado do Ceará foi um dos entes federativos que empreenderam esforços de continuidade na última e atual gestão estadual. Assim se reconhece que o mapa cultural do estado pode não refletir a totalidade de cadastros, mas foi a ferramenta com maior perenidade e menos vieses para uma análise científica e comparativa dos municípios estudados.

Com base em dados secundários, adotou-se uma pesquisa descritiva a fim de evidenciar as atividades com maior e menor proeminências. As atividades de menor quantidade de agentes e organizações culturais evidenciaram subnotificações nas atividades dos setores gastronômico e artesanal. Também há subnotificações nos demais municípios da região do Cariri e nas áreas rurais. Como se verifica no Quadro 2, os setores/áreas de maior quantidade de cadastros são:

Quadro 2. Setores/áreas de maior quantidade de cadastros (NEC/UFCA).

Cidade	Bairros	Agentes individuais	TOP 3 — Áreas individuais	Agentes coletivos	TOP 3 — Áreas coletivas
Juazeiro do Norte	31	502 (63 áreas)	Música, cultura popular, produção cultural	138	51 áreas: cultura popular, música, dança
Crato	37	189 (52 áreas)	Música, produção cultural, cultura popular	65	52 áreas: cultura popular, música, produção cultural
Barbalha	19	378 (49 áreas)	Cultura popular, dança, música	79	44 áreas: cultura popular, dança, música

Encerrado o levantamento de dados secundários, realizou-se uma pesquisa de campo. A primeira fase consistiu em entrevistas com gestores públicos que atuam na área de cultura e turismo nos três municípios. As evidências indicaram a ausência de mapeamentos e cartografias que evidenciem as atividades. Da mesma forma, as articulações entre cultura e turismo são entendidas pela gestão municipal como a execução de festas e festivais (com exceção de um dos gestores que tinha uma visão mais estruturante a respeito disso). Na segunda fase, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com a adoção de áudio e vídeo, com pontos de cultura e coletivos na região. O propósito foi compreender de que forma as atividades dessas organizações eram estruturadas e como se interseccionam com atividades econômicas, como o turismo.

Os resultados parciais indicaram que as organizações culturais e agentes apresentam desafios para manutenção e continuidade de suas atividades, sendo necessário envolver-se com outras atuações não necessariamente relacionadas com a economia criativa e a cultura. Quanto às aproximações com atividades econômicas, como turismo, não há ações estruturais e com esse propósito, mas há potencial para seu desenvolvimento, pois essas organizações já atuam em rede e coletivos com fluência de atividades, linguagens e elevado potencial para o desenvolvimento territorial.

O avanço dos estudos motivou o NEC/UFCA a desenvolver um projeto de cultura que tem como finalidade fortalecer e evidenciar as atividades desenvolvidas por organizações culturais, chamado Economia Criativa e Epistemologias do Sul e Observatório Kariri de Economia Criativa, a fim de trazer dados e evidências que fomentem políticas públicas e culturais para os agentes e territórios nos quais essas pessoas estão inseridas (Lessa *et al.*, 2026). No caso da Cordilheira do Espinhaço (MG), o estudo em construção se refere a uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, orientada pela escuta ativa e pela valorização dos saberes locais. O objetivo é mapear e analisar iniciativas de mulheres fazedoras de cultura na Cordilheira do Espinhaço, com ênfase nas atividades reconhecidas como parte da economia criativa. O recorte territorial contempla seis municípios do norte da Cordilheira do Espinhaço (Grão Mogol, Botumirim, Cristália, Itacambira, Bocaiúva e Olhos D'Água), selecionados em razão de sua diversidade cultural, relevância ambiental, presença de atividades criativas lideradas por mulheres e inserção recente em rotas de turismo de natureza.

A delimitação das atividades consideradas criativas fundamentou-se na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE-IBGE), sistematizada em diálogo, principalmente, por meio da taxonomia proposta pela Secretaria de Economia Criativa/MinC. A equipe de pesquisa analisou criticamente os códigos, identificando 86 atividades relacionadas à economia criativa distribuídas em seis áreas (patrimônio natural e cultural; artes e espetáculos; artes visuais; livro e publicações; audiovisual e mídias interativas; e *design* e serviços criativos). Esse processo buscou equilibrar abrangência e rigor, evitando a inclusão indevida de atividades alheias no núcleo criativo e respeitando as especificidades regionais do artesanato, da gastronomia e da produção cultural (Leitão, 2012; Emmendoerfer; Silva; Silva Júnior, 2025).

O instrumento principal de coleta para pesquisa qualitativa foi o questionário semiestruturado elaborado coletivamente pela equipe do projeto, contemplando dimensões como trajetória das mulheres, atividades econômicas desenvolvidas, dificuldades enfrentadas e impactos comunitários. A coleta dos dados ocorreu tanto em formato presencial (preferencial) quanto remoto (*Google Meet*, *Microsoft Teams*), conforme disponibilidade das participantes e condições de conectividade.

As entrevistas foram feitas por bolsistas previamente capacitados em técnicas de entrevista qualitativa, ética da escuta, uso de ferramentas digitais, metodologias participativas e protocolos de segurança em campo. Essa preparação visou assegurar qualidade, consistência e respeito aos princípios éticos da pesquisa, que foi registrada no Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros.

O número de entrevistas por município não foi fixado *a priori*, mas definido pelo critério de saturação teórica, ou seja, pelo ponto em que novas entrevistas deixam de acrescentar informações relevantes às categorias analíticas em construção. Segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), a saturação ocorre quando os dados coletados passam a apresentar redundância, sem trazer elementos novos capazes de ampliar a compreensão teórica do objeto investigado. Nesse sentido, a saturação funciona como parâmetro para determinar o encerramento da coleta, garantindo tanto a validade interna quanto a transparência metodológica da investigação.

Glaser e Strauss (1967), ao introduzir o conceito de *theoretical saturation*, destacam que o processo envolve não apenas a repetição de dados, mas a densidade teórica alcançada na análise, integrando achados empíricos e a sensibilidade do pesquisador. Assim, mais do que uma decisão quantitativa, trata-se de uma decisão qualitativa fundamentada na avaliação crítica do *corpus* de entrevistas.

Complementarmente, a pesquisa dialoga com a abordagem proposta por Duarte e Alcadipani (2025), que discute a noção de “organizações ao vivo” no campo das indústrias criativas. Essa perspectiva, inspirada na Teoria Ator-Rede e na Dinâmica das Rotinas Organizacionais, considera que os processos criativos se materializam simultaneamente no ato de fazer e organizar, como ocorre em *performances* artísticas, espetáculos ou eventos culturais. Por meio desse olhar, compreende-se que a produção cultural das mulheres da Cordilheira do Espinhaço não é apenas resultado final de um trabalho, mas também um processo contínuo de interação de pessoas, práticas, saberes e contextos, que se atualiza “ao vivo” em feiras, festas e atividades coletivas. Essa abordagem confere maior sensibilidade analítica às particularidades da economia criativa local, em consonância com a teoria das organizações ao vivo.

Para monitorar o andamento do trabalho de campo, ocorrem reuniões semanais da equipe de pesquisa, nas quais se discutem dificuldades emergentes, estratégias de aproximação comunitária e ajustes metodológicos. Entre as estratégias, destaca-se a criação futura de grupos focais em cada município como forma de promover trocas coletivas das participantes, otimizar recursos financeiros e fortalecer a dimensão colaborativa da pesquisa.

Toda a pesquisa segue rigorosamente as normas do Comitê de Ética em Pesquisa, contemplando a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de termos específicos para uso de imagem, mapeamento territorial e autorização de divulgação das atividades criativas, exclusivamente para fins científicos e acadêmicos.

DISCUTINDO OS ESTUDOS: REFLEXÕES E OBSERVAÇÕES DO PERCURSO

Os estudos de caso no Cariri (CE) e na Cordilheira do Espinhaço (MG) nos trabalhos publicados evidenciaram distintas formas de organização para o trabalho em campo, demonstrando a relevância das práticas criativas como expressão de territorialidades, sob diferentes perspectivas. Observamos que os empreendimentos da economia criativa enfrentam desafios estruturais e contextuais, seja em seus momentos iniciais, seja em períodos de crise aguda, como a pandemia de COVID-19.

A combinação de métodos, conhecida como triangulação metodológica, é fundamental para captar a riqueza simbólica dos discursos, integrando aspectos subjetivos, afetivos e históricos. Essa abordagem, defendida por Gil (1999) e Marconi e Lakatos (1999), amplia a validade das informações coletadas. A análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), mostrou-se eficaz para captar contradições e significados nas falas dos entrevistados. As metodologias adotadas valorizaram o caráter “ao vivo” das organizações culturais, reconhecendo a simultaneidade entre o fazer e o organizar, uma perspectiva inspirada em Duarte (2019). Essa abordagem permitiu mais flexibilidade e melhor escuta ativa durante as entrevistas.

Nas pesquisas em fase de desenvolvimento, observa-se que as atividades e segmentos da economia criativa não se apresentam ou se revelam da mesma forma, limitações estas que se confirmam nos estudos que tentam delimitar os segmentos e as áreas da economia criativa. Atento aos resultados publicados e ao percurso dos estudos na região do Cariri e na Cordilheira do Espinhaço, observou-se a necessidade de romper com modelos de pesquisa lineares e tradicionais na imersão do trabalho de campo. A construção de questionários e roteiros de entrevistas deve considerar os contextos culturais e linguísticos dos sujeitos, respeitando suas formas de expressão. Segundo Ribeiro (2008), a entrevista exige uma postura ética e empática, na qual o relato é acolhido como forma de conhecimento legítima.

No caso do NEC/UFGA, a principal dificuldade encontrada parece ter sido a escassez e a fragmentação de dados oficiais sobre a economia criativa na região do Cariri, especialmente depois da descontinuidade de políticas nacionais de mapeamento cultural. Tal fato exigiu maior dependência de dados secundários com lacunas de cobertura, além do esforço de sensibilização dos gestores municipais e dos agentes culturais para participar da pesquisa. Outro entrave esteve na visão restrita de alguns atores locais, que reduzem a articulação entre cultura e turismo a festas e festivais, dificultando a consolidação de um conceito mais estruturado de território criativo.

Na pesquisa conduzida pelo NEECI/UNIMONTES, os desafios concentram-se no acesso às comunidades, empreendimentos e sujeitos que integram os diversos segmentos da economia criativa na região. Esse trabalho, ainda sem resultado parcial, demonstra a demanda de melhor preparo dos bolsistas para lidar com a diversidade

de narrativas e superar barreiras de conectividade, quando a coleta ocorre em formato remoto. A saturação teórica, embora seja um critério metodológico consistente, também traz a dificuldade prática de identificar o momento adequado para encerrar as entrevistas sem perder nuances importantes.

Ademais, no contexto dos sujeitos em análise verificaram-se, em ambos os estudos, limitações em relação ao acesso e à autopercepção como agente da economia criativa. Por vezes, esses sujeitos encontram limitações para se identificar com colaboradores para o desenvolvimento econômico local. As festas culturais, os artesanatos e a gastronomia singular do campo são elementos que, na percepção dos sujeitos, não implicam em uma categoria econômica.

Conforme ambos os estudos evidenciaram, em territórios periféricos, a pesquisa de campo depende de flexibilidade, escuta ativa e construção de confiança entre os agentes envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas qualitativas na economia criativa exigem múltiplos desafios, desde a complexidade simbólica dos fenômenos até a necessidade de rigor científico em contextos informais. Os estudos de caso publicados e em desenvolvimento demonstraram a tentativa de diversos pesquisadores, em locais distintos do Brasil, mas com diálogo constante, avançarem na temática, por meio de metodologias abertas à escuta, à improvisação e à articulação interdisciplinar, elementos essenciais para compreender a riqueza das práticas culturais em territórios periféricos.

Os estudos analisados, tanto os publicados quanto aqueles em andamento, demonstraram que investigar a economia criativa em territórios periféricos, no campo qualitativo, exige mais do que métodos técnicos, requer sensibilidade, diálogo interdisciplinar e articulação com atores locais. O NEC/UFCA e o NEECI/UNIMONTES enfrentam limitações semelhantes, como a ausência de dados sistematizados, a necessidade de adaptação metodológica e a dificuldade para traduzir práticas culturais em categorias econômicas reconhecidas. Essas barreiras, entretanto, fortalecem a importância de pesquisas colaborativas e de redes de apoio acadêmico e comunitário, capazes de produzir evidências robustas para orientar políticas públicas.

A valorização dos saberes territoriais, a construção de parcerias e o reconhecimento das subjetividades são elementos centrais para produzir conhecimento situado e transformador. A pesquisa de campo deve ser um espaço de valorização das vozes que constroem, diariamente, os territórios criativos. Assim, esses estudos requerem abordagens que estejam em sintonia com a complexidade dos fenômenos estudados.

As reflexões deste estudo descreveram a importância do diálogo de diferentes pesquisadores e grupos de estudo do Brasil de forma a consolidar um campo de investigação comprometido com epistemologias do sul, com a Agenda 2030 e o desenvolvimento territorial sustentável. O avanço das pesquisas no Cariri e na Cordilheira do Espinhaço reafirma que a produção científica, quando enraizada nos contextos locais, pode contribuir para valorizar as culturas populares e construir novos modelos de desenvolvimento inclusivos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Relatório de economia criativa 2010**: economia criativa, uma opção de desenvolvimento viável. Brasília: Ministério da Cultura; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

DUARTE, Marcia de Freitas. **Organizações ao vivo**: teoria e prática no campo da economia criativa. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

DUARTE, Márcia F.; ALCADIPANI, Rafael. O organizar *must go on*: propostas teóricas para a compreensão das “organizações ao vivo”. **Revista de Administração Contemporânea**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. e2023-0217, 2025. <https://doi.org/10.1590/1679-395120230217>

EMMENDOERFER, Magnus; GOMES, Luimar; MEDIOTTE, Elias; SILVA JUNIOR, Alessandro; TEIXEIRA, Clarissa S. Revisão configurativa sobre os distritos criativos na literatura brasileira: perspectivas conceituais do campo em análise. **Colóquio Organizações, Desenvolvimento e Sustentabilidade**, v. 15, n. 1, p. 1-28, 2024.

EMMENDOERFER, Magnus; SILVA, Jorge Leal da; SILVA JÚNIOR, Alessandro Carlos. (org.). Métodos qualitativos aplicados em economia criativa. Salvador: Motres, 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, Célia Maria (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 31-81.

FLICK, Uwe. **An introduction to qualitative research**. 4. ed. Los Angeles: Sage, 2009.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano**. Trad.: Ana Luiza Lopes. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, Celso. **O Brasil “pós-milagre”**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. Nova York: Aldine de Gruyter, 1967.

LEITÃO, Cláudia Sousa. **Economia criativa**: uma visão de desenvolvimento cultural e econômico. Brasília: MinC, 2012.

LEITÃO, Cláudia Sousa (org.). **Criatividade e emancipação nas comunidades-rede**: contribuições para uma economia criativa brasileira. São Paulo: Itaú Cultural / WMF Martins Fontes, 2023.

LESSA, Patrick; GONDIM-MATOS, Beatriz; VALDEVINO, Antonio. Práticas artesanais e cultura local no Cariri. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA CRIATIVA, 5., 2023, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UECE, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

PAULA, Pablo Peron de, DIAS, Cledinaldo Aparecido; LIMA, Patrícia Moraes; GOMES, Glenda Nunes; COUTO, Felipe Fróes. Vulnerabilidade inicial na economia criativa: um estudo do artesanato na Rota Grão Mogol do Circuito do Lago do Irapé. In: COLÓQUIO ORGANIZAÇÕES, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE, 15.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ECONOMIA CRIATIVA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., Montes Claros. **Anais [...]**. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2024.

RIBEIRO, Elisa Antonia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência, Olhares e Pesquisas em Saberes Educacionais**, Araxá, n. 4, p. 129-148, maio 2008. <https://orcid.org/0000-0002-0832-278X>

STINCHCOMBE, Arthur L. Organizations and social structure. In: MARCH, James P. (org.). **Handbook of organizations**. Chicago: Rand McNally, 1965. p. 142-193.

TEIXEIRA, Anísio. **Metodologia crítica em ciências sociais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Sobre os autores

Camila Amaral Pereira: doutora em História pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Economia Criativa e Inovação da Universidade Estadual de Montes Claros.

Cledinaldo Aparecido Dias: doutor em Administração pela Universidade de Brasília. Professor adjunto da Universidade Estadual de Montes Claros.

Pablo Peron de Paula: doutor em Administração pela Universidade de Brasília. Professor adjunto da Universidade Estadual de Montes Claros.

Beatriz Gondim Matos: doutora em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta da Universidade Federal do Cariri.

Marcos Eduardo Gonçalves Knupp: doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor associado na Universidade Federal de Ouro Preto.

Conflito de interesses: nada a declarar — **Fonte de financiamento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo: 409159/2023-9) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (APQ-05113-24).

Contribuições dos autores: Pereira, C. A.: Conceitualização, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Supervisão, Validação, Visualização, Redação — Revisão e Edição. Dias, C. A.: Conceitualização, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Redação — Revisão e Edição. Paula, P. P.: Conceitualização, Curadoria de Dados, Obtenção de Financiamento, Metodologia, Administração do Projeto, Recursos, Visualização, Escrita — Primeira Redação, Escrita — Revisão e Edição. Matos, B. G.: Conceitualização, Supervisão, Visualização, Metodologia. Knupp, M. E. G.: Conceitualização, Supervisão, Visualização, Metodologia.

